

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE PSICOLOGIA

CLARA ANTUNES DE MELO CAPISTRANO
LINDIOMARA SANTOS
LYANE EMANUELLE DA SILVEIRA VICENTE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

NATAL/RN
2023

SOFRIMENTO PSÍQUICO DA MULHER NO AMBIENTE DE TRABALHO OCASIONADO PELA DESIGUALDADE DE GÊNERO

Autoras: Clara Antunes de Melo Capistrano¹; Lindiomara Santos² e Lyane Emanuelle da
Silveira Vicente³

Orientadora: Prof^a Dr^a Karina Carvalho de Veras Souza⁴

Resumo

A definição da saúde mental pela OMS enfatiza o bem-estar e a capacidade produtiva do indivíduo, sendo vista como parte constitutiva da saúde geral, relacionando-se a fatores que estão para além da ausência de transtornos mentais. Autores destacam que o sofrimento psíquico é socialmente construído e também composto por experiências coletivas e contextuais, afetando a subjetividade dos gêneros, inclusive no âmbito do trabalho e na perspectiva do “ser mulher”. Dessa maneira, a intersecção entre relações de gênero e trabalho é essencial para entender questões de saúde mental. Assim, o presente trabalho visa identificar os possíveis impactos da desigualdade de gênero na saúde mental das mulheres trabalhadoras. Para tanto, utilizou-se a revisão integrativa de literatura que teve como enfoque a pesquisa bibliográfica de natureza teórica, fundamentada em trabalhos anteriormente publicados sobre a temática. A pesquisa construída é de abordagem qualitativa, de natureza básica e de objetivos descritivos. Neste sentido, identificamos que o machismo é uma marca de opressão presente e enraizada na cultura, que está relacionada a uma estrutura de poder, que determina um padrão ideal de comportamento, relacionamento e hierarquia entre os gêneros. Essa marca causa impacto, não só na estrutura familiar, como em todos os âmbitos que permeiam a vida social da mulher, estando entre eles o campo profissional. Outro ponto, bastante presente nos materiais pesquisados, é a dupla jornada, que envolve o trabalho formal e o cuidado do lar e como essa rotina pode ser adoecedora psiquicamente para muitas mulheres. Assim, como discute Zanello (2017), uma questão fundamental que contribui para o sofrimento psíquico das mulheres se refere à “vida laboral prejudicada”, que se relaciona, tanto com a jornada dupla de trabalho, quanto aos trabalhos precários que estão sujeitas.

Palavras-chaves: Gênero; Desigualdade; Trabalho; Saúde-Mental; Mulher.

¹ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN).

² Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN).

³ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN).

⁴ Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN).

1.Introdução

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde mental pode ser definida como “um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade” (OMS,2022). A saúde mental é encarada como um elemento constitutivo da saúde geral de um indivíduo, sendo também um direito humano básico e fundamental. Além disso, a OMS aponta que a saúde mental não consiste apenas na ausência de transtornos mentais e se relaciona diretamente com fatores que ultrapassam a fronteira do âmbito da saúde, como acesso a comida, lazer, educação de qualidade, pobreza, desigualdade de gênero, fatores econômicos, trabalho etc.

Na convergência entre saúde mental e desigualdade de gênero Zanello, Fiuza e Costa (2015) ressaltam que a experiência de sofrimento psíquico é construída socialmente, bem como a reação a ele, existindo rotas culturalmente marcadas que delinham modos de subjetivação diferentes para ambos os gêneros, distinção essa que se torna evidente também nas expressões do adoecimento psíquico. Ainda segundo os autores, padrões emocionais e comportamentais instituem os significados materiais e simbólicos do que seria “ser uma mulher” e “ser um homem” em uma sociedade, construindo subjetivamente noções sobre o próprio indivíduo, sobre o outro e também sobre seus sofrimentos psíquicos.

Como nos mostra Hirata (2018), as relações de desigualdades de gênero, juntamente com raça e classe, também podem ser percebidas no mundo do trabalho, onde as mulheres não possuem as mesmas perspectivas de promoção, as mesmas oportunidades de emprego e profissões que os homens. A autora ainda aponta que as mulheres são mais vulneráveis a serem absorvidas por trabalhos informais precários e sem direitos, além do desemprego feminino ser mais alto do que o desemprego masculino e de receberem menores salários. Nesse contexto, todos esses fatores contribuem para a fragilização da saúde mental da mulher, sobretudo, das trabalhadoras.

A reflexão acerca do sofrimento psíquico da mulher no ambiente de trabalho ocasionado pelo machismo, é um tema que cada vez mais vem ganhando um maior espaço nas discussões dentro ambiente acadêmico, além de ser uma pauta de

extrema relevância e urgência dentro do movimento feminista. Como aponta Santos (2009), o sofrimento psíquico é construído socialmente e moldado diretamente pelas experiências coletivas dentro de um contexto determinado com valores e regras específicas. Dessa forma, como nos fala Salvaro e Mariano (2021) , é necessário incluir e compreender também as questões de saúde mental derivadas da intercessão entre relações de gênero e espaço do trabalho.

É fato que a luta da mulher para ganhar espaço dentro do ambiente de trabalho não é de hoje. Historicamente, práticas repressivas e disciplinadoras (FOUCAULT,1977) constroem a identidade social acerca do que se entende como feminino, que girava em torno da maternidade, do cuidado do lar, de características como delicadeza e fragilidade. É durante a segunda guerra mundial que as mulheres passam a fazer parte da mão de obra do trabalho. Porém, mesmo com a inserção feminina neste ambiente, a visão a partir da cultura do machismo segue sendo uma realidade para as mulheres, esbarrando com o desmerecimento, desvalorização, assédios, salários inferiores, jornada dupla, entre outras situações que podem ocasionar um maior sofrimento psíquico. Nessa perspectiva, cabe-se perguntar: que possíveis impactos a desigualdade de gênero representa no campo da saúde mental das mulheres trabalhadoras?

2. Objetivo Geral

Identificar os possíveis impactos da desigualdade de gênero na saúde mental das mulheres trabalhadoras.

3. Metodologia

Este trabalho é uma revisão integrativa de literatura e tem como enfoque a pesquisa bibliográfica de natureza teórica fundamentada em trabalhos anteriormente publicados sobre a temática. A pesquisa construída é de abordagem qualitativa, de natureza básica e de objetivos descritivos. No processo de pesquisa, pesquisamos as palavras-chaves “saúde mental e gênero”, “trabalho e gênero” e “saúde mental e trabalho” nas bases de dados *Scielo* e Portal de Periódico CAPES. Também foram adicionados os filtros de busca de tipo de documento para ‘artigos’ e

de idioma para 'português'. A inclusão ou exclusão dos materiais encontrados foram feitas a partir da leitura dos resumos e das palavras-chaves, utilizando como critério de inclusão a relação com a temática e objetivo da pesquisa.

4. Desenvolvimento

4.1. O machismo nas relações de trabalho

Ao falar de machismo estamos falando indiretamente de representações e identidades sociais, que foram construídas ao longo da formação histórica da sociedade, e que são mobilizadas no cotidiano dos indivíduos. A identidade social, especificamente, é constituída por um conjunto de normas determinadas por uma elite social que possui certo poder em relação a um grupo, denominados como "minorias". Ao longo da história tais hierarquias vão sofrendo modificações devido às lutas sociais promovidas pela classe marginalizada, porém ainda podemos observar marcas de desigualdade e opressão que são enraizadas na cultura, e o machismo é uma delas.

Visto isso, a identidade social da mulher é culturalmente marcada pela fragilidade, afeto, cuidado do lar e da família, tais aspectos acabam se fazendo intrínsecos na dimensão profissional desse grupo. Segundo Hirata (2019):

A dificuldade em lutar contra a divisão sexual do trabalho doméstico, que aloca à mulher as tarefas relacionadas à casa e às crianças, liberando o homem para as responsabilidades na esfera profissional, está nessa dimensão de afetividade, que cria uma relação de 'servidão voluntária' das mulheres.

De acordo com Hirata (2018), embora possamos perceber o aumento nas taxas de atividades laborais femininas nas últimas décadas, ainda é marcante a persistência das desigualdades nas relações sociais de gênero, classe e raça no campo do trabalho. Seguindo com a discussão, a autora cita como exemplo das desigualdades de gênero nas relações de trabalho: o fato das mulheres não terem acesso às mesmas profissões que os homens; terem poucas perspectivas de promoção; os salários são inferiores aos masculinos; além de serem a maior parcela

da população absorvida pelo mercado informal, sobrevivendo com empregos precários, sem direitos e proteção social.

Como nos mostra Hirata e Kergoat (2007), com a ajuda da discussão levantada pelo movimento feminista francês ocorreu um aumento no número de pesquisas e trabalhos publicados a cerca da divisão sexual do trabalho, onde evidenciou-se a quantidade de trabalho efetuado por mulheres, que além de ser gratuito, é invisível e realizado não para elas, mas para outros, sempre em nome do amor e da natureza materna. As análises oriundas dos estudos sobre o trabalho doméstico feminino se dividiu em duas linhas: a primeira, onde o conceito de divisão sexual do trabalho articula as duas esferas - trabalho doméstico e fora de casa - e a segunda, com a conceitualização da relação social recorrente entre homens e mulheres, chamada de “relações sociais de sexo”.

As autoras do artigo irão se voltar e discorrer sobre a primeira linha de análise e explicam que a divisão sexual do trabalho é consequência das relações entre os sexos, sendo transformada historicamente e socialmente. Além disso, é caracterizada por designar ao homem o trabalho produtivo com maior valor social e a mulher é designada ao trabalho reprodutivo. Se aprofundando ainda mais no conceito, as autoras propõem que a divisão do trabalho se aplica com dois princípios norteadores: o princípio de separação - trabalhos de homem e trabalhos de mulher - e o princípio hierárquico - um trabalho de homem “vale” mais do que o trabalho de mulher.

Tais princípios ocorrem em todas as sociedades e se aplicam mediante um processo de dominação, onde o sexo biológico comanda os papéis sociais, reduzindo as práticas sociais à um destino natural da espécie. As modalidades da divisão sexual se alteram de acordo com o momento histórico e das novas relações sociais que vão surgindo ao longo do tempo e embora alguns pontos tenham melhorado para as mulheres, a distância entre as condições impostas para os dois gêneros ainda existe.

Posto isso, trabalhos que envolvem as esferas domésticas, do cuidado do lar e da família, ainda são vistos como obrigação feminina, por esse motivo são desvalorizados e, por muitas vezes, não são considerados de fato “trabalho” e tão pouco remunerado, mas ocupam grande parte da rotina diária da mulher, precisando se fazer disponível constantemente, mesmo em momentos que poderiam ser de descanso ou autocuidado. Com a inserção da mulher no mercado

de trabalho formal, não houve uma ruptura do lugar feminino socialmente relacionado às atividades domésticas, mas sim um acúmulo de funções, que sobrecarregam o corpo e a mente feminina.

4.2. Saúde Mental e Gênero

A saúde mental é um aspecto que vem sendo discutido cada vez mais na nossa sociedade, e é influenciada de forma direta pelo contexto sociocultural. Segundo Vygotsky, a construção do ser é pautada pela história do ambiente em que ele se desenvolve, no qual encontra as delimitações das representações sociais, já discutidas no tópico 4.1. Santos (2009) afirma que “aquilo que parece ser algo extremamente individual, ou seja, a vivência de um conjunto de mal-estares no âmbito subjetivo, expressa regularidades que são moldadas por uma dada configuração social.”. Ou seja, as diferenças de gênero não são só construídas individualmente e tão somente por aspectos relacionados à diferenciação, mas também são possibilidades para a existência do indivíduo.

Nesse sentido, urge observar o quanto as questões geradoras de sofrimento psíquico tem sua base nos estereótipos de gênero (Zanello e Bukowitz, 2011). Quando nos referimos ao gênero feminino, logo é associado a pautas como o machismo, que por muitas vezes delimita o trabalho da mulher ao cuidado do outro, principalmente quando relacionado a dedicação da família e do lar, segundo Hirata e Kergoat (2007) essa delimitação é invisível aos olhos dos outros, e ocorre sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno.

O papel social feminino, já discutido neste artigo, associado à vida laboral promove uma sobrecarga de funções, e mina as possibilidades da mulher de exercer outros papéis da sua própria escolha em sua vida além dessa atribuição culturalmente designada, de modo a contribuir em um processo de exaustão mental. A partir desse aspecto, é importante destacar que a saúde mental de um indivíduo vai além da ausência de transtornos mentais (OMS, 2022) sendo assim, fatores sociais também contribuem para a fragilização psíquica. Segundo a pesquisa realizada com profissionais da saúde por Vieira, Anido e Calife (2022), nota-se que os impactos na saúde mental reportados por profissionais femininas advêm da sobrecarga do trabalho doméstico, manifestando-se em desconforto, alterações cognitivas, agitação, inquietação e maior aumento de pesadelos. Já em outra

pesquisa ambientada em um CAPS, realizada por Campos, Ramalho e Zanello (2017) , as autoras apontam a questão da psiquiatrização e fragilização da saúde mental das mulheres:

Muitas das condições citadas por elas foram expressas nos prontuários, em sua maioria conflitos com a mãe (desentendimentos, perdas e maus tratos) e parcela menor com o pai, além de conflitos relacionados à maternidade (crises após nascimento ou morte de um filho), relações conjugais (divórcio, separação, brigas, tentativas de suicídio, entre outros), diversos tipos de violências sofridas, vida laboral prejudicada e o papel de cuidadoras de outros e da casa.

Sendo assim, esses aspectos enfatizam a contribuição das questões coletivas e sociais, como a desigualdade de gênero, nos impactos relacionados à saúde mental da mulher, a partir desse fator nota-se a retirada da sua autonomia enquanto sujeito de vontades e direitos, como uma espécie de mutilação da sua subjetividade em prol do cuidado do outro.

5. Conclusões

Realizando uma breve revisão do conceito de saúde mental da OMS, que propõe que a saúde mental vai além da ausência de transtornos mentais, compreendemos que aspectos sociais e culturais que envolvem o contexto do indivíduo irão interferir de forma direta na sua saúde psíquica. Sendo assim, a partir da discussão levantada, concluímos, através da pesquisa realizada, que a desigualdade de gênero é um fator que contribui para a fragilização da saúde mental da mulher e intensifica o seu sofrimento psíquico.

As barreiras impostas por uma representação social com base em estereótipos de gênero, como a busca por um perfil físico padronizado, as exigências de um corpo “dócil” dentro do ambiente de trabalho e a dupla jornada, contribuem para a baixa autoestima da mulher e seu sofrimento psíquico. Somando-se a isso, ainda existe a frustração, o esgotamento físico e mental e o sentimento latente de precisar fazer além do seu trabalho para que possa se destacar no mercado.

Não é surpreendente o fato de que desde a entrevista de emprego, as mulheres encontram dificuldades, pois deparam-se com questionamentos invasivos sobre seu desejo de ter filhos, se utiliza métodos anticoncepcionais e se teria com quem deixar seus filhos para trabalhar. É sabido que questionamentos como esse estão fora do script de entrevistas para o público masculino.

Tais aspectos escancaram a desigualdade de gênero quando pensamos que as mesmas exigências não são colocadas para o gênero masculino. Sendo assim, todos esses fatores são obstáculos ainda presentes no que envolve a saúde mental da mulher no ambiente de trabalho, na verdade, são obstáculos que envolve como um todo o “ser mulher” na nossa sociedade.

Tendo isto, a análise feita a respeito da intersecção entre saúde mental, desigualdade de gênero e trabalho reflete na construção social. Além de ser perceptível a persistência de normas culturais em torno do corpo feminino e do corpo masculino, inclusive, quando trata-se do cotidiano laboral e todas as suas disparidades. Afinal, não é de hoje que as mulheres lutam por seu espaço de trabalho, como também, um espaço com equidade, onde os salários sejam justos, os direitos sejam efetivos e não exista sobrecarga de jornada.

Referências bibliográficas

- CAMPOS, I. O; RAMALHO, W.M; ZANELLO,V. **Saúde mental e gênero: O perfil sociodemográfico de pacientes em um centro de atenção psicossocial.** Estudos de Psicologia, 22(1), janeiro a março de 2017, 68-77.
- FOUCAULT, M. **A microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho.** Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.
- HIRATA, Helena. **Gênero, Patriarcado, Trabalho e Classe.** Revista Trabalho Necessário, 16(29), 14-27.
- OLIVEIRA SS; NEVES MY; BRITO J; ROTENBERG L. **Relações sociais de sexo/gênero, trabalho e saúde: contribuições de Helena Hirata.** Saúde Debate, Rio de Janeiro, V. 45, N. ESPECIAL 1, P. 137-153, OUT 2021.
- Organização Mundial da Saúde. **Política para melhorar a saúde mental.** 170ª Sessão do Comitê Executivo. Washington, D.C., EUA (sessão híbrida), 20 a 24 de junho de 2022.
- SALVARO,Giovana Ilka Jacinto; MARIANO, Patrícia. **Saúde mental de trabalhadoras e gênero: Contribuições ao debate de gênero.** Psicologia em Estudo, v. 26, e44059, 2021.
- SANTOS, Anna Maria Corbi Caldas dos. **Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados.** Ciência & Saúde Coletiva, 14(4):1177-1182, 2009.
- VIEIRA J; ANIDO I; CALIFE K. **Mulheres profissionais da saúde e as repercussões da pandemia da Covid-19: é mais difícil para elas?** Saúde Debate, Rio de Janeiro, V. 46, N. 132, P. 47-62, JAN-MAR 2022.
- ZANELLO, Valeska; FIUZA Gabriela; COSTA, Humberto Soares. **Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico.** Fractal, Rev. Psicol., v. 27 – n. 3, p. 238-246, 2015.